

# a psicologia da estupidez na política

vários

Tradução de Carlos Aboim de Brito

# ÍNDICE

|                                                                                                                         |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| ♦ Mas quem escolhe o rei dos estúpidos? ( <i>Jean-François Marmion</i> ) ...                                            | 9   |
| ♦ Análise psiconeurobiológica da estupidez<br>dos políticos ( <i>Patrick Lemoine</i> ) .....                            | 17  |
| ♦ Como o poder transforma aqueles que<br>o exercem ( <i>Laurent Auzoult</i> ) .....                                     | 25  |
| ♦ Poder e dependência, ou o poder como droga ( <i>Emmanuel Pinto</i> ) ...                                              | 33  |
| ♦ Estúpidos, teóricos da conspiração e populistas:<br>isto está tudo ligado ( <i>Mafalda Anjos</i> ) .....              | 43  |
| ♦ Poder e dependência, ou a droga para aguentar<br>em política ( <i>Tania Crasnianski</i> ) .....                       | 57  |
| ♦ Verdade e política ( <i>Myriam Revault d'Allonnes</i> ) .....                                                         | 67  |
| ♦ A má-fé em política ( <i>Charles Haroche</i> ) .....                                                                  | 79  |
| ♦ A exaltação mediática, o rumor e a <i>infox</i> como meios<br>em política: entrevista a <i>Pascal Froissart</i> ..... | 89  |
| ♦ O poder e o povo ( <i>Adelino Cunha</i> ) .....                                                                       | 101 |
| ♦ Estupidezes e falsificações: o que mudam<br>as <i>fake news</i> ( <i>François-Bernard Huyghe</i> ) .....              | 109 |
| ♦ Antiestúpidos: a política pelo crivo dos panfletos ( <i>Cédric Passard</i> )                                          | 119 |
| ♦ A indestrutível conversa da treta! ( <i>Christian Delporte</i> ) .....                                                | 129 |
| ♦ «O discurso político adota as estratégias do discurso<br>publicitário»: entrevista a <i>Cécile Alduy</i> .....        | 139 |

|                                                                                                   |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| ♦ Cinco estupidezes na política ( <i>Carlos Guimarães Pinto</i> ) .....                           | 147 |
| ♦ <i>OK Boomer</i> e as suas tiradas políticas ( <i>Anne Muxel</i> ) .....                        | 157 |
| ♦ Violências políticas. As razões de uma insensatez ( <i>Philippe Braud</i> )                     | 167 |
| ♦ O mito do eleitor racional: entrevista a <i>George E. Marcus</i> .....                          | 177 |
| ♦ O conceito de estupidez na política:<br>uma pertinente reflexão ( <i>Carlos Martins</i> ) ..... | 185 |
| ♦ A ONU, inútil e indispensável ( <i>Karim Lebhour</i> ) .....                                    | 195 |
| ♦ A negação sustentada da realidade ( <i>Dominique Bourg</i> ) .....                              | 203 |
| ♦ Europa: juntos, tudo se torna impossível? ( <i>Didier Georgakakis</i> ) ...                     | 211 |
| ♦ Donald Trump é realmente o pior? ( <i>Michael C. Behrent</i> ) .....                            | 223 |
| ♦ Neurociências e política, um casamento<br>de contrassenso? ( <i>Romina Rinaldi</i> ) .....      | 231 |
| ♦ Devemos proteger a democracia dos estúpidos?<br>( <i>Jovem Conservador de Direita</i> ) .....   | 239 |
| ♦ Participaram nesta obra .....                                                                   | 253 |

## MAS QUEM ESCOLHE O REI DOS ESTÚPIDOS?

«A política é a arte de comandar homens livres.»

Aristóteles, *Política*, I, 7

«E no mais elevado trono do mundo,  
estamos sentados apenas sobre o nosso cu.»

Montaigne, *Ensaíos*, III, 13

Eles farão tudo por nós.

Antigo presidente da Comissão das Finanças da Assembleia Nacional, um valoroso ministro que encarna «a linha de firmeza orçamental» revela-se culpado de fraude fiscal e branqueamento, depois de ter clamado a sua inocência no Parlamento. Um secretário de Estado que sofre de uma perturbadora «fobia administrativa» que o impede de pagar os seus impostos vê-se condenado, também ele, por fraude fiscal. Um antigo primeiro-ministro, que acaba de afirmar que não imaginava o general De Gaulle sob suspeita, revela uma consciência um pouco menos nítida do que os seus costumes.

Um líder partidário considera que as câmaras de gás são apenas um «detalhe» da Segunda Guerra Mundial. Um futuro Presidente da República ironiza sobre «o ruído e o odor» de um pai de família com «três ou quatro mulheres e uma vintena de filhos» a alimentar-se de prestações sociais, «sem trabalhar, naturalmente». Um ministro do Interior em funções explica que um árabe ainda vai, mas quando se juntam vários há problemas, antes de jurar com a mão no peito que isso só acontecia depois da região de Auvergne (!!!).

Quanto aos costumes, ficando apenas pelos casos difundidos na praça pública... Um candidato à presidência explode em pleno voo, acusado de ter agredido sexualmente a empregada de um hotel (a sua defesa começa por explicar que o interessado não pode ser acusado de nada dado que a sua presumível vítima parece «muito pouco sedutora»). Um candidato à Câmara de Paris é torpedeado porque se masturbou diante do seu *smartphone*. Um residente do Eliseu revela a todo o planeta as suas escapadelas em *scooter* para ir

buscar *croissants* à Rue du Cirque (Labiche, estás aí?). Algo um tanto diferente dos presidentes de outrora que caíram de um comboio em pijama, ou que morreram durante uma carícia bucal...

Tratam-nos como pobres, estúpidos, desdentados e gente que não é nada, e querem que os respeitemos? Gastam 10.000 euros no cabeleireiro por mês, mesmo sem cabelo, e pedem-nos cada vez mais esforços? Passemos por cima daqueles que pagam a figurantes para assistir às suas conferências ou *robots* para os seguirem no Twitter. Passemos por cima dos indecentes tolinhos a cacarejar em plena Assembleia Nacional quando uma mulher toma a palavra e que só brilham pela sua assiduidade nos debates de quarta-feira para se pavonearem diante das câmaras... Relemos com deleite esta passagem de Montherlant em *O Demónio do Bem*: «Como é feliz uma vida quando começa pela ambição e acaba por não ter outros sonhos para lá de lançar pão aos patos! [...] Como são belos quando o capricho os faz ser alegres, quando se erguem e, direitos sobre as caudas, batem as asas com entusiasmo: dir-se-ia que são deputados a fingir que estão indignados.»

Oh, como a política seria apaixonante sem aqueles que a fazem! E todos, quaisquer que sejam os seus fracassos, a sua inação, as suas condenações, as suas traições, os seus ridículos, todos, quer nos tenham envergonhado ou desgostado, continuam colados às nossas patas. Bem fingiram que desapareciam, mas cá estão eles, mesmo caquéticos, a sair dos caixotes de lixo da História com uma tonalidade virginal e poses de velho sábio para jurar que as experiências os fizeram crescer e que desta vez, desta vez, o país encontrou o seu messias. Que abnegação, dedicarem a sua pessoa a uma multidão que os rejeitou e só deseja esquecê-los... Que deferência para com o povo (soberano, desde que vote como habitualmente)... Comediantes de triste figura. Olhos de veludo e linguagem da treta. Estrategos grosseiros e estúpidos. Pior do que entediantes: previsíveis.

E se fosse só em França! Mas não vimos nos Estados Unidos um Presidente tolo declarar guerra ao Iraque em nome de armas de destruição maciça imaginárias, e um Pai Ubu procurar saber doutamente se os seus administrados não deveriam injetar detergente para preservar a sua saúde? (No momento em que escrevo estas linhas, é muito possível que os eleitores sobreviventes o reelejam.<sup>1</sup>) Numa BD ou numa série televisiva, acharíamos tudo isso muito exagerado e não acreditaríamos. Mas é a realidade. Também já não acreditamos nela. E invejamos a Bélgica, que vive períodos sem governo e nem por isso se porta tão mal.

---

<sup>1</sup> Nas eleições presidenciais americanas de 2022, o vencedor foi Joe Biden. (N. de T.)

É difícil não nos surpreendermos a pensar que há revoluções que se perdem. Mas o que fazer, uma vez que as eleições trocam as pedras da calçada por um boletim de voto? Uma vez que seria necessário exprimirmos a nossa cólera levantando o dedinho, sem violência, sem pendurar o último neoliberal com as tripas do último autoamnistiado? Nenhum abrigo de autocarro, nenhuma montra de loja de luxo deve arder, lançam-nos as consciências morais mediáticas que cresceram a ouvir «Street fighting man»! Não devemos atirar um único insulto! Só deveríamos revoltar-nos à luz das velas numa marcha branca... No entanto, é surpreendente que nos sintamos por vezes tentados a preferir a candidatura de um palhaço aos tristes senhores institucionais? Na falta de guilhotinar os reizinhos de opereta, que melhor morte simbólica que não seja substituí-los por bobos? Ou um *deus ex machina* enviado pela Providência, ridicularizando os costumes estéreis e deformados, mostrando-se superior às regras, carismático e audacioso, não virando a casaca... Um ser inspirado, inspirador... Mas, na vida real, os déspotas iluminados são invariavelmente obscurantistas. E se, como assinalava Winston Churchill, a democracia é o pior sistema à exceção de todos os outros, a estupidez gelada saída diretamente de 1984 não resgatava a errática agitação saída de 1789. O pensamento mágico não é o antídoto ao pensamento único. Por isso, não acordem um povo que dorme, quando ele já não sonha com amanhã melhores: sem a desordem atual, seria o caos!

## **O DIREITO DE VOTO, PÉROLA LANÇADA AOS PORCOS**

Mas STOP. Coloquemo-nos por um segundo no ponto de vista dos políticos, para variar. O que diriam de nós? Talvez o seguinte:

Ter-nos-iam feito tudo.

São ingeríveis. Não só porque são vitelas que oferecem centenas de variedades de queijos, para citar em resumo o general-que-não-imaginamos-sob-suspeita, mas porque não sabem o que querem. Como querem que lhes entreguemos? Pedem-nos para agir, mas bloqueiam a rua quando esboçamos uma reforma. Exigem a ordem, mas gritam ao primeiro golpe de matraca. Exortam-nos a dizer a verdade, mas dão voltas à mais pequena frase por pouco que utilizemos a linguagem da treta. Exigem-nos altura, mas rivalizam em fel para nos rebaixar (e não deixam passar nada, o mais pequeno lapso). Detestam ser infantilizados, mas bocejam quando somos técnicos. Respondem a todas as perguntas num referendo, exceto àquela que lhes

fazemos. Esperam a tradição, não a previsão. A audácia, não a prudência. Os matizes, não os pareceres claros. A distância, não o imediatismo. Os esforços, mas para os outros.

Desde 1789, os sobressaltos e as palinódias deste povo catavento valeram-nos a sequência Monarquia Constitucional/República/Diretório/Consulado/Império/Restauração/Império/Restauração/Revolução/Monarquia de julho/Revolução/República/Império/República/Estado francês/República ao longo de 14 constituições, enquanto, só desde 1981, digerimos, mais do que uma alternância, um verdadeiro lamaçal de presidentes de esquerda e primeiros-ministros de esquerda, presidentes de direita e primeiros-ministros de direita, certamente, mas também Presidente de esquerda e primeiros-ministros de direita, Presidente de direita e primeiro-ministro de esquerda, e mesmo, mais recentemente, Presidente de esquerda (mas, ao mesmo tempo, de direita) e primeiros-ministros de direita (mas, ao mesmo tempo, de esquerda). Esperando que os dois extremos, à força de se afastarem espetacularmente, se juntem suavemente, perspectiva inelutável numa Terra ainda redonda: acontece que o boletim na urna, quanto maior esta for, melhor passa...

No entanto, os eleitores esquecem que, por cada autor de fraude fiscal ou agressor sexual nas nossas fileiras, existem, literalmente, centenas entre nós que não têm nada que seja censurável no plano moral, no Parlamento. Dezenas de milhares, à escala local.

Embora alguns se percam pelo caminho, não se comprometem pelo poder, mas realmente para mudar as coisas. E os políticos nunca foram tão irrepreensíveis. Se as redes sociais e os canais de informação contínua tivessem existido ao longo da História, as decisões desastradas e as torpezas dos políticos teriam sido singularmente mais atrozes do que hoje:

**Vel' d'Hiv:**

13.000 judeus deportados, um terço dos quais crianças, por ordem do governo

**Verdun:**

350.000 franceses e 350.000 alemães mortos para nada

**Escândalo de Panamá:**

mais de 150 parlamentares franceses corruptos

**20.000 partidários da Comuna de Paris fuzilados sem processo,**

7500 enviados para a prisão

**Napoleão na Rússia:**

200.000 mortos no exército francês

## **O Código Negro de Luís XIV**

designa os escravos das colónias como «bens móveis»

### **Saint-Berthélemy:**

os católicos massacram 30.000 protestantes em toda a França

### **Carlos VI**

sujeito a dezenas de crises de loucura furiosa

### **Caso da torre de Nesle:**

Filipe, *o Belo* manda esquartejar vivos, castrar e decapitar os dois amantes das suas enteadas

A lista seria interminável. Os cidadãos ficariam aterrorizados se dispusessem de uma máquina de recuar no tempo para filmar os bastidores das vidas e decisões das grandes figuras da História. Os políticos de hoje nunca foram tão honestos e policiados e tratam-nos como os nossos predecessores teriam merecido. A nossa devoção só tem igual na ingratidão e na injustiça que nos reservam, a nós mais do que a qualquer outro, com base em comentários de comentários de informações truncadas. Somos para-raios e bodes expiatórios. E deveríamos sorrir enquanto nos maltratam! Estes velhos mimados com antidepressivos não percebem até que ponto é difícil, à medida que se tratam as cúpulas por tu, desmoronar sob os montes de dossiês, as peritagens em linguagem ininteligível artificialmente empoladas, as recriminações dos eleitores egoístas que os responsabilizam pelos seus fracassos, os adversários que se vitimizam, os diplomatas suscetíveis, as baças areias movediças do direito, os jornalistas empertigados, os humoristas obesos, o panótico e o paranoico o-que-irão-dizer nas redes sociais, as comunidades explosivas, os religiosos melindrosos, os inesgotáveis amantes dos complôs, os eternos *yakafokon*, os sessenta e cinco milhões de epidemiologistas em tempo de covid-19, as pessoas caseiras, escondidas, notórios incompetentes que suplicam que os instalem de novo, os cavaleiros brancos, vingativos, bajuladores, os traidores, os guilhotinadores de domingo que destruiriam de boa vontade o rebanho inteiro à primeira suspeita de corrupção. Tudo isso sem sacrificar a nossa vida privada, o nosso sono, o nosso otimismo, a nossa energia. Nem as nossas convicções, por poucas que nos restem. Desumano! Eleições, armadilha para estúpidos... para quem as ganha! A primeira lição do poder é a impotência.



## A ÉPOCA ABENÇOADA DA DÚVIDA

Eleitores e políticos apresentam assim um ponto comum: cada campo espera do outro a exemplaridade. Para os eleitores, supõe-se que os políticos deem prova de competências, de ponderação, de energia, de sentido das responsabilidades e das realidades, de reflexão e de intuição, de envergadura, de humildade, de previsão, de justeza, de justiça... Para os políticos, os eleitores deveriam dar sete voltas ao seu boletim de voto nas mãos antes de o inserir. Consultar os programas, visionar os discursos, ter em vista o interesse geral, poupar as gerações futuras. Conciliar ética e pragmatismo, interesses locais e globais. Fazer um balanço, com toda a serenidade, do mandato concluído. Informar-se em matéria social, económica, ecológica, junto de fontes independentes e cruzadas num mundo sobrecarregado de opiniões contraditórias e enganadoramente argumentadas. A razão pura, prática e etérea. Numa palavra, cada campo espera que o outro encarne um humano... que não existe. Um fantoche demasiado glorioso. Uma ficção! A decepção é inevitável, tanto mais violenta porquanto se colocara esperança no ideal. E cada campo vê o outro como uma súcia de crápulas ou de desastrados que, circunstâncias agravantes, consideram os outros piores do que eles. O que nem sempre é totalmente falso...

Uma das passagens-chave do presente *opus* estupidológico é assinada pelo mediólogo François-Bernard Huyghe, diretor de estudos no Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas: «A lógica das plataformas *online* favorece a proliferação de conteúdos duvidosos, mas atrativos. A exploração da nossa atenção e das nossas apetências por algoritmos interpostos faz com que cada indivíduo possa literalmente decidir em que realidade vive.» A psicologia poderia acrescentar que não esperamos que a Internet decida a nossa realidade pessoal. Cada um forja a sua visão do mundo em função das suas leituras e posturas, da sua personalidade, da sua envolvimento social, e dos seus hábitos, cujo peso nunca poderemos deixar de sublinhar suficientemente, e cada um só confia nas informações selecionadas, formuladas e interpretadas por outros quando elas vão no seu sentido. A realidade dos dirigentes, que nunca apanham o autocarro, não escrevem os seus discursos e já não abrem uma porta, difere forçosamente da dos cidadãos, que ruminam por conta própria. Sempre foi assim, mas hoje isso vê-se.

Em *As Asas do Desejo*, de Wim Wenders, os anjos acompanham como podem os humanos, lendo a todo o instante os seus pensamentos repletos de inanidade, de alegrias ofegantes e de pequenas e duras misérias. Também nós podemos espiar na *web*, em tempo real, e invisíveis, os entendimentos

fugidios, as emoções eruptivas, por vezes a generosidade, muitas vezes a má-fé, de seres humanos comuns que se julgam sábios, justos e exemplares, em política como noutros domínios. As raras fulgurações não bastam para eclipsar o ruído da trovoadas, as vociferações monocórdicas dos nossos semelhantes apanhados ao vivo num asfixiante efeito de massa, de mosaico, de cacofonia, de Torre de Babel, com uma liberdade de expressão que nunca deveríamos renegociar, mas não garantindo de modo nenhum que tenhamos seja o que for de interessante a lançar à face do mundo.

**Incapazes de  
se erguerem  
no pedestal,  
parecem  
ainda mais  
uns abortos**

Os políticos não escapam ao turbilhão.

Vemos o que são, o que fazem, o que gostariam de esconder, as suas insuficiências a eclipsar as suas virtudes, e já não podemos ter ilusões sobre eles: pois é, não valem mais do que nós. Incapazes de se erguerem no pedestal irrealista e desmesurado que imaginamos para eles, parecem ainda mais uns abortos. Outrora, podíamos fazer votos pios a seu respeito, forjar representações mais lisonjeiras, por vezes heroicas. Podíamos contar histórias sobre um punhado de «grandes homens» e a longa marcha do mundo. Ver complôs ou grandes desígnios, escrever ambiciosas narrativas coletivas, mitos nacionais empolados, quando na realidade se sucedeu uma sequência de acasos. Agora, já não se acredita nas lendas, dado que já não se pode fazer elucubrações em benefício da dúvida. E aqueles a quem gostaríamos muito de tirar o chapéu parecem-nos usurpadores que pretendem representar-nos amargamente. Da mesma maneira que o hábito não faz o Presidente, as próprias circunstâncias excecionais raramente fazem os grandes políticos, que na adversidade se revelam como pessoas tristemente comuns que fracassam na mudança de uma realidade que os leva puxados pelo nariz e que já não é a nossa. Mas ficando, é certo, debruçados sobre o fundo do seu umbigo até à vertigem.

Do mesmo modo que o Renascimento tinha questionado, graças aos progressos tecnológicos e às descobertas de outras interpretações do mundo, as grandes verdades assentes há muitas gerações, nós somos parecidos com milhares de adolescentes que se recusam a continuar a aceitar as ideias repisadas sobre o bem e o mal, a esquerda e a direita, as virtudes dos sistemas políticos, e fazemos um esforço para pensar por nós mesmos na revolta e na afirmação das nossas individualidades. A dúvida triunfa sobre qualquer credo pré-mastigado, e a política, com os seus desafios ideológicos, intelectuais, práticos e coletivos, cristaliza o ceticismo. Ora, por muito desconfortável que seja,

a dúvida é um privilégio. O pior inimigo da estupidez. Mas na condição de não despontar num sentido único: de nada serve exercer o sentido crítico em relação às versões oficiais adocicadas se for para cair em novas certezas inalienáveis, aquelas que nos dão jeito, que mostram que compreendemos tudo sobre o mundo e os seus bastidores, de uma vez por todas.

Nunca alimentámos tais exigências de ética. Nunca nos sentimos tão envolvidos com a infelicidade do outro, incluindo a de desconhecidos, e com a sorte do próprio planeta. Nunca fomos tão educados, ou educáveis. Com a Internet, todas as culturas, todas as artes, todas as ciências são acessíveis num instante, e na ponta dos dedos. Todas as mobilizações são possíveis à escala do planeta. Só viveremos a idade de ouro da estupidez se perdermos esta oportunidade. Porque também toda a estupidez é acessível e potencialmente mobilizadora. Cabe a cada um determinar que voto, que compromisso talvez, parece mais rico de sentido, mais urgente, mais justo. Já que não podemos deixar de fazer política, a própria abstenção tem as suas consequências, compete a cada um de nós contribuir, na sua alma e consciência, com a resposta menos má possível à prodigiosa opacidade do real. Ou de escolher se, cansados das gesticulações da comédia humana e, mais particularmente, da vida política, preferimos ceder à tentação da prostração e, enroscados na nossa fortaleza interior, meio-observadores, meio-Pôncio Pilatos, faremos nossa esta frase definitiva de La Bruyère: «Só coloco acima de um grande político aquele que negligencia sê-lo, e que está cada vez mais convencido de que o mundo não merece que nos ocupemos dele.»

Jean-François Marmion, candidato a nada

# **ANÁLISE PSICONEUROBIOLÓGICA DA ESTUPIDEZ DOS POLÍTICOS**

**PATRICK LEMOINE**

Psiquiatra e doutor em Neurociências.



«O idealismo é a nobre toga com que os homens políticos  
cobrem a sua vontade de poder.»  
Atribuído a Aldous Huxley na sua necrologia do *New York  
Herald Tribune*

Temos de acreditar que ele tem antenas, o diabo de homem! Quero falar do meu amigo Jean-François Marmion, o responsável por toda esta estupidez literária, que encontrou maneira de me pedir para escrever este capítulo sobre a estupidez dos políticos precisamente no dia em que Benjamin Griveaux se retirava da corrida para a Câmara de Paris, provocando a tempestade mediática que se sabe. Não me compete julgar o conteúdo deste caso ainda por julgar... precisamente. Em contrapartida, a questão que se coloca é a seguinte: como se pode ser tão estúpido quando já se teve o cargo de ministro, quando se é deputado com uma carreira política com galões atrás de si, para se deixar filmar a dar cambalhotas extraconjugais, correndo o risco de se ser pirateado? A questão que se coloca à partida é a da diferença entre dizer ou fazer estupidezes e ser-se (completamente) estúpido. Como psiquiatra, responderia que toda a gente diz ou faz estupidezes em dado momento, enquanto os estúpidos esféricos, aqueles que são sempre igualmente estúpidos qualquer que seja o ponto de vista com que os olham, são, graças a Deus, mais raros.

## VELHOS PÚCAROS E MÁ SOPA

Nunca mais acabaríamos de enumerar as estupidezes dos políticos contemporâneos. Seria necessário uma enciclopédia para concluir uma tarefa tão ciclópica! Hoje, nos Estados Unidos, basta dedilhar «*idiot*», um quase-sinónimo (em inglês) de estúpido, no Google para ver aparecer a fotografia de Donald

Trump. Uma prova, como se fosse preciso, de que não sou o primeiro — longe disso — a considerar que a estupidez dos políticos é um assunto que envolve, preocupa, ocupa muitos dos nossos contemporâneos. Recuemos no tempo e examinemos o político francês mais poderoso de todos os tempos: Napoleão Bonaparte. É o primeiro imperador dos franceses<sup>2</sup>, senhor da Europa; por outras palavras, senhor do mundo. Lança-se antes do inverno numa conquista insensata da Rússia e perde tudo. E insiste com os Cem Dias, operação estúpida, e de que maneira. Então, dir-me-ão, a estupidez será apanágio dos políticos franceses? Evoquemos George W. Bush e a sua invenção mentirosa das «armas de destruição maciça» para esmagar Saddam Hussein e abrir o caminho para o caos, para a Al-Qaeda, etc. Será um privilégio dos ocidentais? Examinemos a Ásia, Kim Jong-un, o atual ditador da Coreia do Norte, que mata o seu tio, ministro das Forças Armadas, com a ajuda de um míssil antiaéreo! O traidor era acusado de ter adormecido durante um discurso do sobrinho. A sagração imperial de Bokassa seria um bom exemplo para a África.

A estupidez política terá poupado a Antiguidade? De maneira nenhuma! Vejamos Júlio César, o homem mais poderoso da sua época. Também ele é, de certo modo, o senhor do mundo, dado que dirige Roma. Um complô é urdido contra ele por um grupo de senadores do qual faz parte o seu filho adotivo Brutus (bem-chamado!). Os conselheiros do grande Júlio ouvem rumores sobre a coisa, entregam ao seu chefe um relatório onde tudo é explicado: o cenário, a lista dos conjurados... Tudo, digo eu! Convencido da sua invencibilidade, do seu estatuto de intocável, deveria eu dizer, nem se dá ao cuidado de ler o texto e cai sob os golpes de punhal em pleno senado. *Tu quoque, mi fili*<sup>3</sup>? serão as suas últimas palavras. Não é muito inteligente... Até os africanos antigos, neste caso os Cartagineses, são atingidos pela estupidez, por exemplo a do seu chefe Aníbal. Na época, Cartago é a única rival de Roma e o conflito é inevitável. O general espanta os seus inimigos ao atravessar os Alpes na neve com os seus elefantes. Vence-os, volta a vencê-los. Está (quase) em Roma, e aí... faz a estupidez da sua vida. Em vez de cair sobre a sua presa, decide hibernar, na intenção de saborear com as suas tropas as delícias de Cápua. Os romanos têm tempo para se reorganizarem e acabarão por vencê-lo. É incompreensível ver imensos chefes de Estado, génios táticos como Júlio César, Aníbal ou Napoleão, encontrarem sempre maneira de cometer o erro fatal que um tenente no início de carreira não cometeria...

---

<sup>2</sup> Contrariamente a uma ideia difundida, Carlos Magno talvez não fosse francês, porque pelo menos três países reivindicam a honra do seu nascimento: a Alemanha, a Bélgica e a França.

<sup>3</sup> «Também tu, meu filho!»

## A HÚBRIS, A ÚNICA EXPLICAÇÃO?

Qual é o ponto comum a todas estas personagens? É o orgulho, ou melhor, a húbris, em bom grego, o combustível universal que alimenta o motor de todos os políticos do mundo, da pré-história aos tempos modernos. A húbris é claramente o que torna praticamente todos tão *in-con-séquents*<sup>4</sup>, tanto uns como os outros. Para compreender melhor esta noção, vejamos Júlio César, que se revelou como o grande senhor, ainda que os Romanos tivessem compreendido muito cedo o risco (durante o Triunfo, um escravo empoleirado atrás do general vitorioso deveria murmurar-lhe: «*memento mori*»<sup>5</sup>, para fazer baixar a sua jactância). Apesar desta precaução, o culto da sua personalidade começa a florescer, são erigidas estátuas em grande número... O mês de Quintillius é renomeado Julius, julho, que continua a existir... Proclama-se descendente de Vénus... é um deus! Numa palavra, Júlio César comporta-se como um soberano de direito divino, quando é o chefe de um regime republicano, democrático, segundo os critérios da época. Um quase-imperador de uma República, algo que pode suscitar o ódio! Aliás, podemos interrogar-nos se não é simbolicamente o facto de ter descrito a atitude do Presidente Macron como jupiteriana que está na origem da incrível explosão de violência contra ele, inédita em França. O seu perfil de medalha, o seu gosto pelas locuções latinas, a sua tomada de posse extraordinariamente solene no Louvre... As ameaças de morte multiplicaram-se nas redes sociais com as efígies de guilhotinas, os insultos que lhe são dirigidos, em suma, um ódio pouco razoável, irracional, que chega mesmo a contaminar os representantes dos seus adversários mais extremos.

O facto de estar no poder leva-o a sentir-se acima da lei e, como tal, condu-lo a grosserias estúpidas, a situações de risco inconcebíveis. É evidente que, quando se acede a um cargo de responsabilidade, convém não ter nada que possa ser censurado, porque, inevitavelmente, haverá um *Canard enchaîné*, um *Mediapart*, uma associação Anticor para apresentar dossiês comprometedores pacientemente guardados em reserva na expectativa de... No entanto, de maneira incrível, um grande número de políticos continua a receber comissões por baixo da mesa, a esquecer grande parte do seu património, a acumular cargos com conflitos de interesses, a utilizar as suas compensações

---

<sup>4</sup> Jogo de palavras: *in-con-séquents*, inconsequentes. Sendo que *con* significa estúpido. (N. de T.)

<sup>5</sup> «Lembra-te de que és mortal.»



parlamentares europeias para fazer avançar as suas campanhas<sup>6</sup>, em suma, a asneirar! Tudo isso permanece no domínio da húbris: sempre a desmesura do poder.

## EXISTIRÁ UMA PATOLOGIA PRÓPRIA DOS POLÍTICOS?

Depois de mais de cento e oitenta milhões de mortos devidos a monstros como Hitler, Estaline ou Mao, propus que, antes da sua nomeação, os chefes do Estado fossem submetidos a um exame psiquiátrico<sup>7</sup>. Uma brincadeira, evidentemente... ainda que! Isso leva-me a perguntar sobre as suas doenças mentais. Se examinarmos os ditadores, de Nero a Hitler, de Calígula a Estaline, passando por Robespierre ou Shaka, o rei zulu que estripava as mulheres grávidas do seu povo, sem esquecer Sua Majestade Imperial Bokassa I, o diagnóstico é *paranoia*, ou delírio de perseguição. Os chefes que respeitam a sua Constituição, como Churchill, por exemplo, mas também Carlos VI, talvez Napoleão (?), justificariam o diagnóstico de *bipolaridade*. Alexandre, o Grande, Júlio César, Carlos, o *Temerário*, sofriam de personalidade dependente e de comportamento antissocial. Carlos V era alcoólico, bulímico, hipcondríaco, obsessivo... Luís XIV padecia de stresse pós-traumático, a grande Catarina era uma erotomaníaca e Maria Antonieta, uma compradora compulsiva. John F. Kennedy, Clinton, Dominique Strauss-Khan encarnam o vício do sexo. E ainda há outros: De Gaulle, narcísico endiabrado; Donald Trump, incapaz de empatia; Bush filho, tão vulgar como o precedente... Isso não significa necessariamente que sejam doentes mentais. Então, existirá uma estrutura psicológica própria dos políticos? A resposta é claramente não! No máximo, podemos dizer que a paranoia predispõe à tirania, e que as outras patologias dão uma coloração particular aos seus estilos.

## A HORMONA DA ESTUPIDEZ POLÍTICA

No lago Tanganica vivem os ciclídeos, família de peixes considerados particularmente astutos. Entre os machos há duas classes sociais: os aristocratas e

---

<sup>6</sup> Não darei os nomes dos visados, porque a coisa ainda não foi julgada. Além disso, são muito numerosos!

<sup>7</sup> *La santé psychique de ceux qui ont fait le monde* (A saúde mental daqueles que fizeram o mundo), Odile Jacob, 2019.

a plebe. Os primeiros são muito coloridos, papam todas as fêmeas e pairam junto à superfície, uma providência para os predadores, que depressa detetam estas presas particularmente visíveis. Os segundos são descorados, discretos, evidentemente não têm nenhum sucesso junto das fêmeas e vivem numa relativa segurança no fundo, no lodo. Quando um aristociclídeo é devorado, há um da prole ciclídea que sobe à superfície, ganha cor e faz a corte (um clímax para um peixe do lodo!). E no final... toca-lhe a sorte de ser devorado. Aparentemente, quando estão no poder, o orgulho torna estes peixes estúpidos, que, no entanto, são reconhecidos pelas suas capacidades de aprendizagem e pela sua adaptabilidade. Segundo este modelo, é o facto de aceder ao poder que o torna estúpido, e todos os exemplos que citei acima são o testemunho disso.

Assim, posso propor um modelo biológico da estupidez política: o acesso a uma posição superior desencadeia um afluxo de testosterona que, como é bem sabido, não favorece o aumento do QI. Jean de La Fontaine mostrou-o bem com *O Leão Apaixonado*. Resumindo: um leão pede a mão de uma jovem pela qual está loucamente apaixonado ao pai. Este fica embaraçado, porque receia pela vida da filha se disser sim... e receia pela sua própria vida se disser não. Então imagina um estratagema: fingindo aceitar, pede ao leão que tire as unhas para não arranhar a filha durante noite de núpcias. O leão obedece e regressa cheio de esperança. O pai pede então ao pretendente que arranque os dentes, pela mesma razão. O leão aceita, regressa... Agora já não tem defesas e o pai ataca os seus cães contra ele. Assim, podemos considerar que o poder, a força, torna um ser estúpido, fazendo-o esquecer a sua vulnerabilidade. No entanto, poderíamos dizer o contrário: é porque temos geneticamente, à partida, um grande *stock* de testosterona que acedemos mais facilmente ao poder (e às fêmeas), o que explicaria porque é que as mulheres, que, em média, possuem menos testosterona do que os homens, procuram menos vezes responsabilidades políticas.

Então, a testosterona é a hormona da estupidez política masculina? Não estou longe de pensar isso quando observo o cortejo amoroso do pavão ou do peru, os duelos de morte dos alces, que por vezes entrelaçam de tal maneira as suas cornaduras que os lobos os devoram, os combates por vezes mortais dos leões, as lutas ritualizadas e letais dos cavaleiros medievais, os trajes e outros adereços dos campeões de futebol. Para demonstrar a justeza da minha

**O acesso a  
uma posição  
superior  
desencadeia  
um afluxo de  
testosterona**

hipótese, seria necessário lançar um grande estudo mundial que consistiria em dosear a quantidade de testosterona dos chefes de Estado e a relacionar com o seu IE (Índice de Estupidez, numa escala que vai de 100 = Trump a 1 = Jacinda Ardern, primeira-ministra da Nova Zelândia)... Mas não tenho a certeza de que isso seja aceite, nem pelos comités de ética, nem pelos interessados!

Não podendo realizar esta investigação — assumo a fraqueza de a achar apaixonante —, é forçoso deixar sem resposta a questão lancinante: será o acesso ao poder que torna o ser estúpido ou, pelo contrário, será necessário ser realmente estúpido para querer o poder? E aqui, confesso, não sou suficientemente estúpido para me arriscar a dar uma resposta.

Está decidido, retiro oficialmente a minha candidatura às próximas eleições!